

## MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA DO “ESCRITOR DE MARAGOJIPE”:

### Oswaldo Sá em “*Vala dos Meus Dias*”.

Ana Paula Rebouças Lessa<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente comunicação vem à luz no intuito de trazer a público através de sua trilogia de memórias, intituladas *Vala dos Meus Dias (1985- 1989)* a trajetória do intelectual que foi pioneiro e responsável por resguardar grande parte da documentação que se conhece acerca da História de Maragojipe-Ba, o autodidata e memorialista maragojipano Oswaldo Sá. Ao longo de seus 93 anos de vida (faleceu em 2002) publicou mais de 20 obras, cuja inspiração era sua cidade natal. O autor fazia parte de uma “elite intelectual” do município. Desta maneira, é válido ressaltar que, conhecer o autor de *Vala dos Meus Dias* é visualizar a intelectualidade baiana através de outro ângulo, o ângulo dos memorialistas locais que ajudaram a descortinar a história do Recôncavo.

**Palavras- chave:** Oswaldo Sá – Memorialismo- Maragojipe.

“EscrITOR de Maragojipe”. Esta é a forma como Jorge Amado se refere ao autodidata, poeta e memorialista Oswaldo Sá. Maragojipe é um município de origem colonial (1724), situado na região que historicamente se conhece por Recôncavo Baiano e a cidade natal do autor que nos propomos a retratar através de suas memórias nesta comunicação. “Dodô”, como era conhecido na intimidade do lar, herdou o gosto pela leitura dos avós e de seu pai. Desafeiçoado à escola, sempre foi avesso à aprendizagem dentro de quatro paredes. Era um admirador da natureza.

Nasceu na Fazenda Água Fria, no Guaí, distrito da cidade, no dia 28 de julho de 1908. Viveu sua infância admirando a história do lugar através das ruínas do antigo engenho Água Fria, pertencente aos seus antepassados. Visitava a fazenda nas férias escolares e durante o resto do ano residia na antiga Salvador, onde passou boa parte de sua juventude. Seu pai, o engenheiro agrônomo Julio dos Santos Sá, ex-intendente de Maragojipe (1916-1919), trouxe no final de seu mandato toda a família para morar na sede do município. Durante este período, Oswaldo Sá conclui o antigo curso primário e conservou apenas esse diploma da escola formal. Tornou-se autodidata, poeta, conhecedor e interessado nas Letras e na História. Entretanto, Oswaldo Sá não vivia só das Letras. Ocupou vários cargos nas prefeituras de Maragojipe e da cidade vizinha, Muritiba. Chegou a ser delegado na segunda, e defender várias causas jurídicas na primeira, foi um rábula.

De acordo com relatos do caçula de seus oito filhos- o fotógrafo Alberto Sá- seu pai vivia em meio aos livros e quase diariamente visitava a agência dos Correios. Oswaldo Sá

numa tentativa de penetrar no seio do grupo de intelectuais que atuavam na política, na Academia de Letras da Bahia e no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia em meados do século XX, enviava cada nova publicação a estes homens de letras e com os quais mantinha constante contato através de cartas.

Nomes como Jorge Amado, Hildegardes Vianna, Pedro Calmon, Jorge Calmon, Edivaldo Boaventura, Wilson Lins entre outros, correspondiam-se com o memorialista e respaldavam suas obras. Em seu arquivo encontramos estas cartas organizadas em classificadores, tanto as que enviava quanto as respostas que chegavam até suas mãos.

Percebemos na organização do seu acervo, que seu filho Alberto Sá conserva em grande medida na forma com que o seu pai deixara em vida, que havia uma intenção por parte do autor de que seus escritos pudessem ser estudados. Em entrevista ao jornal cachoeirano O Guarani, no ano de 1994, ele afirmou: “A tenacidade, a perseverança! Não desisto do meu objetivo de tornar-me conhecido”.<sup>2</sup>

Ao longo de seus 93 anos de vida, escreveu e publicou mais de 20 livros. São eles: *Folhas ao Vento* (1935), *A Conspirata dos Galos* (1973), *Evocação* (1976), *Maragojipe Humorístico* (1978), *Ponto nos iii* (1980), *Histórias Menores: Capítulos da História de Maragojipe*, vol. I, II, III (1981- 1983), *Sangue do Mundo* (1984), *Vala dos Meus Dias* vol. I (1985), *Vala dos Meus Dias*, vol. II (1986), *Sondas e Pousos* (1987), *A Humilde Musa* (1988), *Vala dos Meus Dias*, vol.III (1989), *Quando os Bichos Falavam* (1990), *Vitrais* (1991), *Tempos de Maragojipe* (1992), *Folhas ao Vento* 2ª ed. (1993), *Á Sombra do Palmeiral* (1994), *Pata de Leão* (1995), *Documentário de Maragojipe* (1997), *Rosa Eterna* (1998), *Gravata Vermelha* (1999), *Leque de Pavão* (2000) e *Burundanga* (2001). No prelo estão *Epístolas à Satanás* (1941) e *64- Espada*, que segundo Alberto Sá, alguma coisa impediu que seu pai concluísse a sequência de versos que vinham sendo publicados em jornais e interrompidos entre 1980-1981 e *O Trupe que Zupe* de 2002, ano de seu falecimento.

Temos notícia ainda de uma monografia sobre Maragojipe que lhe valeu a entrada como membro titular na Academia de Letras Municipais do Brasil, no ano de 1985, mas que não nos foi possível ter acesso até o momento. Osvaldo Sá foi membro de outras academias, como por exemplo, a Academia de Letras do Recôncavo (1999) e a Academia de Letras de Uruguaiana – RS. Acumulando ainda inúmeros títulos, diplomas e medalhas de honra ao mérito que em sua maioria referem-se aos seus dons literários. Enfim, um intelectual que merece ter sua trajetória brevemente recomposta pelo fato de ter sido responsável por

resguardar através de suas obras a História de Maragogipe, seja através do anedotário local, por sua veia poética, ou pelas suas próprias memórias.

Oswaldo Sá começou a ver-sejar com quatorze anos por influência de sua irmã mais velha, a Maria Amélia, cujo apelido era Quita. Foi sua irmã que lhe mostrou os primeiros poemas, a primeira a intervir na sua escrita, corrigindo a gramática de seu texto, pois, foi nesta época que entendeu de expor suas ideias num “jornalzinho” intitulado “A Natureza” e daí em diante não parou mais de escrever, seja nos jornais ou nos livros. *Vala dos Meus Dias (memórias)*, vol. I vem à luz no ano de 1985 pela Editora Odeam Ltda.<sup>3</sup>

Neste primeiro volume de sua trilogia de memórias, Oswaldo Sá traz lembranças dos seus poucos anos nas salas de aula do seu mestre-escola, das viagens de férias à Fazenda Água Fria, dos amigos de infância, das traquinagens, do contato com as primeiras leituras, enfim, “de um período feliz” de sua vida em episódios guardados na memória- sua infância entre a velha Salvador e a Maragogipe do início do século XX.

Impera na narrativa autobiográfica um tom romantizado, impregnado da subjetividade e das experiências do autor que reconstitui como numa “colcha de retalhos” pedaços da sua vida, em episódios pinçados na memória. O autor reconstrói o seu passado com o olhar do presente e “dá as suas lembranças um caráter confessional, de modo a estabelecer certa intimidade com o leitor que se torna, assim, seu “escuta” e seu confidente.”<sup>4</sup>

Quando seu pai, o agrônomo Julio dos Santos Sá, era intendente do município, Oswaldo Sá visitara a “Cidade das Palmeiras” pela primeira vez, no mês de agosto. E, em 1919, em período final da candidatura de seu pai, definitivamente muda-se para aquela que será a inspiração maior para suas obras, Maragogipe. E destaca:

[...] A vida na cidade ribeirinha diferia da de lá da velha capital. As ruas então mal pavimentadas, de baldios extensos em vários logradouros, as flores graúdas [...] os mangues amplos [...] causavam-me de certo modo impressão bem diversa daqueloutra habitual da cidade do novo ambiente. [...]<sup>5</sup>

Durante a escrita de suas memórias Oswaldo Sá demonstra ter consciência de que as lembranças não possuem uma linearidade. Estas vêm à tona de acordo com a seleção que o próprio autor faz, delimitando o que seria relevante ou não para ser levado a público. “Daí alguns fatos mais novos surgem antes que outros antigos, assim contrastando, não com o tempo, que não possui marcas, mas com as datas assinaladas aos calendários elaborados dentro das convenções do Homem.”<sup>6</sup>

O autor nos revela sua capacidade argumentativa, seu olhar exigente e político, sedimentado pela experiência adquirida com o passar dos anos. Cede-nos relevantes informações no que se refere ao tipo de ensino que obteve nos seus poucos anos de frequência nas salas de aula, sobretudo o ensino de História. História que passou a cultuar através da escrita da história de Maragojipe. E lembra que:

[...] As lições de História do Brasil me caceteavam pra burro!Fui e sou um tonto para decorar tim - tim por tim- tim aquela disciplina de perguntas e respostas [...] E assim lecionavam os acontecimentos até os principais do quadriênio do último presidente da República.<sup>7</sup>

Logo na introdução, o autor nos dá valiosas informações a respeito de sua inserção no mundo das letras. Neste trecho introdutório sinaliza alguns autores renomados que se dedicaram a retratar e narrar suas vidas em livros, citando como exemplos Oswald de Andrade, Oliveira Lima entre outros, ressaltando que tão importante quanto conhecer a trajetória de vida destes intelectuais é saber da vida do “simples escrivão de cartório, o rabiscador de cidade interiorana.”

No decorrer da narrativa apresenta detalhes de sua vida em família, das suas proezas de menino levado, das suas “amas de leite”, dos empregados que serviam a família. Dos medos de sua mãe, Dona Constança, em relação à Guerra de 1914 em virtude de alguns de seus filhos estarem em idade de atuar no serviço militar. Chama atenção ainda para o descrédito com que parcelas da população maragojipana tratavam suas publicações e exemplifica com o professorado primário local.

Em contrapartida, faz questão de frisar o reconhecimento que obteve de intelectuais conhecidos nacionalmente a cada nova publicação, a exemplo de Antonio Houaiss, Hélio Simões, Américo Jacobina Lacombe, Jorge Amado, entre outros. Segundo Paulo Santos Silva era comum no meio intelectual baiano o protecionismo mútuo, embasado numa ideia de pertencimento a um grupo seletivo.<sup>8</sup>

Aqueles que tinham notoriedade no estado, e até nacionalmente, a exemplo de Jorge Amado e Pedro Calmon, acabavam por validar as obras de outros intelectuais, sobretudo os do interior do estado, através de cartas de recomendação ou mesmo prefaciando suas obras. No caso de Osvaldo Sá, como já foi dito, os elogios vinham através das cartas. Muitas vezes este respaldo era solicitado pelo autor numa tentativa de legitimar seus escritos.

Ao longo de sua narrativa de uma vida vivida, Osvaldo Sá vai e vem nas suas memórias. São as divagações do autor, entrelaçando recordações suas e de seus familiares,

num misto com suas leituras. De acordo com Peter Burke, toda memória é social e as reminiscências trazidas à luz através da escrita do memorialista maragojipano exemplifica esta afirmação.<sup>9</sup>

No segundo livro, Osvaldo Sá assinala no prefácio, a felicidade que lhe causou a acolhida do primeiro volume da obra que conta detalhes de sua vida, antes guardados apenas na memória e agora revelados no papel. Neste mesmo prefácio, discorre acerca da sua dedicação às pesquisas dos fatos acerca de Maragojipe. Pesquisas que reverberam em várias de suas obras, a exemplo: *Maragojipe Humorístico*<sup>10</sup> que retrata a história local através de seu anedotário, a coleção de crônicas históricas nomeadas *Histórias Menores: Capítulos da História de Maragojipe*<sup>11</sup>, o livro que reúne poemas chamado *A Humilde Musa*, os textos em prosa intitulados *Tempos de Maragojipe*<sup>12</sup>, o conjunto de poesias em homenagem à cidade, chamado *A Sombra do Palmeiral*<sup>13</sup> e a reunião de documentos avulsos cujo nome é *Documentário de Maragojipe*.<sup>14</sup>

Há, em alguns de meus livros, assuntos que envolvem a História, e até inéditos, pelo menos no que tange ao desenvolvimento de eventos maragojipanos no decorrer dos séculos. É isso gratificante para quem vive insulado em localidade meio esquecida do Recôncavo Baiano, de onde, as mais das vezes, se divulgam notícias aleatórias e até deturpadas colhidas em fontes espúrias.<sup>15</sup>

Neste exemplar de *Vala dos Meus Dias*, que veio a lume no ano de 1986, as recordações são ainda mais reveladoras da construção cotidiana da trajetória do intelectual. Em sua narrativa dá vazão ao seu conhecimento histórico. Dá demonstrações de sua visão política aproveitando e fazendo analogias usando como referência o “condutor do bonde” que alertava do perigo de postes ou paredes ao longo do trajeto do meio de transporte “socializante” na cidade do Salvador.

Olha à direita! A crase apagou-se e um dia lhe veio tal duradouro pesadelo, essa “direita”, que bem ainda não se diluiu que os nossos ideólogos de fancaria herdaram de Franco, Hitler, Mussolini. Olha à direita! perigosa sempre, quer na exigüidade de um carro, quer na imensidade de uma nação [...] <sup>16</sup>

Traça linhas sobre as mudanças no cenário urbano da capital, Salvador:

Era a Bahia de ontem, a cidade do Salvador, mas que todos só lhe chamavam simplesmente Bahia. Bahia em épocas de remodelações, da abertura da Avenida Sete de Setembro, da construção do Hotel Meridional, da Pastelaria Triunfo, da Biblioteca pública à Praça Tomé de Souza. Prédios que outros agora lhes tomaram o espaço.<sup>17</sup>

Outro capítulo que merece destaque é aquele que Osvaldo Sá dedica ao grupo ao qual se sente pertencente - o dos autodidatas. Pode-se dizer que este trecho do livro é de fundamental importância para explicar as motivações que levaram o autor a escrever suas memórias na perenidade dos livros e, sobretudo, compreender o lugar de onde este autor falava dentro daquela sociedade. E com a pergunta que nos vem à mente ao nos depararmos com a compilação das memórias do “escritor de Maragojipe”, Osvaldo Sá nos responde:

- Mas porque escreve esse homem às suas memórias? Interrogação que fazem alguns leitores, porque geralmente escrevem memórias renomados estadistas, poetas, escritores, artistas célebres. [...] E se incontáveis são as de homens famosos, em número diminuto são, todavia, as memórias de autores quase esquecidos, os que com pouco se contentam, sobretudo dos que, como o autor destas linhas, poucas terras conhecem. Escrevo-as, antes de mais nada, com o pensamento em meus irmãos que freqüentaram pequenas escolas, dando-lhes incentivo, exemplo de perseverança, a fim de que jamais desanimem em suas belas aspirações e prossigam nas asas da esperança, para que possam transformar os seus sonhos florentes na, as mais das vezes, árdua realidade.<sup>18</sup>

Utiliza dessa iniciativa para incitar seus “irmãos autodidatas” a continuarem a resguardar o cotidiano de suas cidades através da narrativa de suas vivências particulares erigidas no seio dos grupos aos quais se sentem pertencentes. No décimo quinto capítulo, o qual nomeou de “Ensaio”, Osvaldo Sá mais uma vez leva a público o seu anseio de tornar-se conhecido. Sonhava um dia ter seu nome registrado nas páginas dos jornais que o entretinham no seu dia-a-dia. A Fundação Osvaldo Sá, nome concedido ao acervo pessoal do autor, conta com mais de dois mil títulos, numa variedade imensa de temas e áreas do conhecimento. Além de jornais que circulavam no Recôncavo que datam de anos anteriores à abolição da Escravidão.

Os dois primeiros volumes de *Vala dos Meus Dias*, publicados em anos consecutivos, são lembranças de um período em que o autor via o mundo com o olhar ingênuo, “daquelas primeiras impressões que recebemos todos, cada qual a sua maneira, nos albores da idade.” O exemplar que fecha a trilogia, no entanto, só foi lançado três anos depois, após dois livros que reuniam versos e sonetos. Em 1989, Osvaldo Sá encerra sua narrativa autobiográfica com revelações acerca de sua experiência além das fronteiras de Maragojipe, nos tempos em que viveu na então capital da República, o Rio de Janeiro dos anos de 1930 e a cidade vizinha Muritiba, onde passou algum tempo participando de sua vida política, antes de retornar para Maragojipe lugar onde viveu até os seus últimos dias.

Na cidade do Rio de Janeiro foi buscar trabalho e pode-se dizer beber daquela efervescência cultural que a florava no país num momento conturbado de sua vida política. Lá presenciou a construção do principal cartão postal da cidade, o Cristo Redentor. Em seus momentos de ócio frequentava a Biblioteca e o Museu Nacional, enriquecendo e aumentando seu leque de leituras, ampliando sua visão de escritor interiorano como muitas vezes se intitula ao longo da sua narrativa de lembranças. Em terras cariocas atuou por vezes como revisor de tipos em jornais como “A Pátria”. Em 1931, decepcionado por não encontrar nenhum emprego fixo, Osvaldo Sá retornara a sua cidade natal, Maragojipe.

Em 1932, recebe a proposta de fixar residência na cidade de Muritiba para exercer no município o cargo de secretário na prefeitura no governo de Geraldino Almeida, período em que exerceu também o cargo de delegado. Osvaldo Sá divide este período de sua vida em três momentos: primeira a de solteiro, dos últimos dias de outubro de 1932 aos derradeiros de agosto de 1934; segunda a de casado, em início de julho de 1938, e a terceira, retorno em fevereiro de 1951 a abril de 1959.<sup>19</sup>

Na sua volta à terra de nascença, além de secretariar o prefeito Plínio Guedes, foi a imprensa maragojipana o local onde Osvaldo Sá atuou de forma contundente, como redator, a exemplo do quinzenário “A Pétala”, onde também publicava poemas, ou mesmo no mensário jornalístico “Tribuna do Povo”, cujo proprietário era Fernando Sá, irmão do autor. Neste jornal levou a público suas memórias, que reunidas deram origem aos três volumes de *Vala dos Meus Dias*. Colaborou por alguns anos no Jornal “Arquivo”, além dos jornais de Muritiba e região, como “O Planalto” de Cruz das Almas.

O autor fazia parte de uma “elite intelectual” da cidade de Maragojipe. Escreviam nos jornais ao seu lado, desde membros do clero municipal, perpassando por professores, advogados, membros do executivo e legislativo municipal, poetas, entre outros. Como afirma Chartier, a via da imprensa era uma forma de exercício de poder e de práticas intelectuais.<sup>20</sup> Osvaldo Sá de alguma maneira demonstra ter esta percepção e assinala que aqueles que juntamente a ele tinham voz nas colunas dos jornais possuíam a certeza “de que estava transmitindo as suas ideias às pessoas mais esclarecidas da cidade.”

Este texto vem à luz no intuito de trazer a público aquele que foi responsável por resguardar grande parte da documentação que se conhece acerca da História de Maragojipe. Osvaldo Sá foi pioneiro na reunião destas informações através de seus livros. A História local era conhecida através dos jornais da cidade, em quadros que fixavam as datas consideradas chaves para entender o passado da localidade, dos grandes vultos e mais ainda das famílias

tradicionais do município que até os dias atuais cedem seus sobrenomes às ruas da cidade. Conhecer o autor de *Vala dos Meus Dias* é visualizar a intelectualidade baiana através de outro ângulo, o ângulo dos memorialistas locais que ajudaram a descortinar a história do Recôncavo.

---

<sup>1</sup> Ana Paula Rebouças Lessa. Mestranda do Programa de Pós- Graduação em História Regional e Local da Universidade Estadual da Bahia. – UNEB- Campus V. Esta comunicação é um desdobramento parcial da pesquisa em andamento, intitulada *Maragojipe sob a ótica de um cronista: As Histórias Menores de Osvaldo Sá*, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Santos Silva. Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: [paula\\_lessa02@hotmail.com](mailto:paula_lessa02@hotmail.com)

<sup>2</sup> Jornal O GUARANI. Entrevista concedida a correspondente Adenise Maria dos Santos. Cachoeira - Ba. 1994. p.04.

<sup>3</sup> SÁ, Osvaldo. *Vala dos Meus Dias (memórias)*. Vol. I. Salvador: Editora ODEAM Ltda, 1985.

<sup>4</sup> MALUF, Marina. Ajuste de contas com o tempo. In: *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p.47.

<sup>5</sup> SÁ, Osvaldo. *Vala dos Meus Dias*. Vol. I. Salvador: Editora ODEAM Ltda, 1985. pp.99-104.

<sup>6</sup> Ibid, p. 85.

<sup>7</sup> SÁ, Osvaldo. *Vala dos Meus Dias*. Vol. II. Salvador: Editora ODEAM Ltda, 1986. p.36.

<sup>8</sup> SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2011.

<sup>9</sup> BURKE, Peter. História como memória social. In: *Variedades de História Cultural*. Trad. Alda Porto. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

<sup>10</sup> SÁ, Osvaldo. *Maragojipe Humorístico*. Empresa Gráfica Oxum, 1978.

<sup>11</sup> \_\_\_\_\_. *Histórias Menores: Capítulos da História de Maragojipe*. Vols. I, II, III. Editora ODEAM Ltda. São Félix, 1981/1982/1983.

<sup>12</sup> \_\_\_\_\_. *Tempos de Maragojipe*. Editora Multipress, 1991.

<sup>13</sup> \_\_\_\_\_. *À Sombra do Palmeiral*. Editora Gráfica Paraguaçu, 1994.

<sup>14</sup> \_\_\_\_\_. *Documentário de Maragojipe*. Gráfica Oxum, 1997.

<sup>15</sup> \_\_\_\_\_. *Vala dos Meus Dias*. Vol. II. Salvador: Editora ODEAM Ltda, 1986. p.16.

<sup>16</sup> Ibid, p.19.

<sup>17</sup> Ibidem, p.28

<sup>18</sup> Ibid, p.29.

<sup>19</sup> SÁ, Osvaldo. *Vala dos Meus Dias*. Vol. III. Salvador: Editora ODEAM Ltda, 1989.

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. *Formas e Sentido*. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação. São Paulo: Mercado das Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.